



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Entre o trabalho e a universidade: os desafios de ser uma estudante trabalhadora

Tamires Cristina dos Santos

Mariana, MG

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



TAMIRES CRISTINA DOS SANTOS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Entre o trabalho e a universidade: os desafios de ser uma estudante trabalhadora

Trabalho de Conclusão de Curso sob o formato de Memorial apresentado à disciplina de Monografia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Pedadogo(a).

Orientação: Prof^a. Dr^a. Alexandra Resende Campos

Professora Responsável: Dr^a. Rosa Coutrim

Mariana

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237e Santos, Tamires Cristina dos.
Entre o trabalho e a universidade [manuscrito]: os desafios de ser
uma estudante trabalhadora. / Tamires Cristina dos Santos. - 2021.
22 f.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Resende Campos.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Trabalhadores-estudantes. 2. Economia - Aspectos sociológicos. 3.
Pessoal - Permanência. 4. Graduação. I. Campos, Alexandra Resende. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Tamires Cristina dos Santos

Entre o trabalho e a universidade: os desafios de ser uma estudante trabalhadora

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia

Aprovada em 25 de agosto de 2021

Membros da banca

Dr^a. Alexandra Resende Campos - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr^a Rosa Coutrim - Universidade Federal de Ouro Preto

Alexandra Resende Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 20/01/2022



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Resende Campos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/01/2022, às 20:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0270615** e o código CRC **2982D757**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.000813/2022-19

SEI nº 0270615

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

SUMÁRIO

1 RESUMO	3
2 INTRODUÇÃO	4
3 O INÍCIO DE TUDO	7
4 AS ADVERSIDADES DO ENSINO MÉDIO	8
5 A FASE DO ÓCIO	9
6 O TÃO AGUARDADO E DESAFIANTE ENSINO SUPERIOR	11
6.1 As pedras no caminho	14
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1 RESUMO

Este memorial relata as vivências e a trajetória acadêmica de uma aluna de origem popular, a partir de fatos ocorridos durante a sua graduação. Problematiza através de experiências pessoais quanto às condições de permanência e continuidade no ensino superior. Estabelece, através de uma narrativa memorialística, quais foram os 22 momentos de maiores desafios no que tange este processo de formação. Discute os motivos pelos quais, alunas e alunos sem condições financeiras, que trabalham para seu sustento e/ou da família, encontram pouco apoio do ponto de vista institucional. Relata as dificuldades da aluna, encontradas para cumprir os seis estágios obrigatórios a serem realizados e por alunos que se veem obrigados a conciliar trabalho e estudo.

Para o embasamento teórico deste memorial foram considerados os trabalhos de alguns autores do campo da Sociologia da Educação: Wilson Mesquita de Almeida (2007) que relata as maiores dificuldades socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade e Thaís Kristoch Imperatori (2017), que discute a trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira e Écio Antônio Portes (2000) que aponta as dificuldades e desafios da permanência do estudante pobre na universidade e as mobilizações familiares. Também foi considerado o trabalho de Adriane Terezinha Sartori (2011) que explica as principais diferenças entre o memorial e o tão conhecido TCC. Devido a todas as dificuldades enfrentadas por alunos e alunas, para permanecerem no curso de graduação e para conseguir concluí-lo, é de suma importância discorrer sobre tais fatos. Pois, como muitos alunos enfrentam dificuldades financeiras, sociais, culturais e outras mais, para poderem estudar e trabalhar ao mesmo tempo, talvez esse trabalho possa auxiliar outros alunos em situações parecidas.

Palavras-chave: Estudante-trabalhador; Dificuldades Socioeconômicas; Permanência na Graduação.

2 INTRODUÇÃO

Diante da oportunidade de apresentar como Trabalho de Conclusão de Curso um Memorial, pareceu pertinente a partir de fatos ocorridos durante a minha trajetória na graduação. Tive o interesse de abordar algumas dificuldades encontradas nesse percurso, como conciliar trabalho, estudos e afazeres domésticos, todos ao mesmo tempo, e ainda conseguir manter uma boa saúde mental e física. Estudar para alcançar meus objetivos, trabalhar para me sustentar, porque a minha família não tem condições de bancar o meu sustento para que eu possa me dedicar somente aos estudos. E ainda, assumir os compromissos de dona de casa, pelo fato de morar sozinha e ser a única responsável pelos afazeres domésticos.

A escrita deste trabalho, o TCC, é de suma importância para todos os alunos, pois é o momento em que se concretiza a graduação. Mas primeiramente, é necessário saber o que é um memorial. De acordo com o dicionário Aurélio online da língua portuguesa (Dicio)¹, o memorial é um gênero textual usado para relatar memórias, fatos que ocorreram que merecem ser lembrados.

¹O memorial é visto como uma espécie de diário, onde se relatam fatos pessoais, da memória e da vivência de uma pessoa, que permite expressão da construção de sua própria identidade diante dos registros de emoções, descobertas, sucessos e fracassos. Segundo Adriane Teresinha Sartori, autora do texto “O memorial de formação e a graduação de (futuros) professores” (2011), uma das grandes diferenças dos memoriais com os conhecidos TCCs, é que os memoriais são escritos a partir de relatos pessoais e também por alguns relatos coletivos (experiências vividas em grupos), utilizando-se assim, na maior parte do texto, a escrita na primeira pessoa o “Eu”. Os TCCs, por sua vez, são artigos escritos a partir de pesquisas que partem da parte de interesse do autor, muitas vezes bibliográficas, escritos na terceira pessoa “Ele/eles”.

Essa diferença da pessoa gramatical interfere diretamente no resultado final, no objetivo do trabalho em questão, pois o memorial possibilita ao aluno/professor analisar sua trajetória de formação, que de uma forma ou outra, interferiu na construção da sua identidade profissional. Foi nesta perspectiva que este trabalho caminhou. Tendo que trabalhar o dia inteiro, só me restava o horário noturno para conseguir encaixar os estudos,

¹ <https://www.dicio.com.br/memorial>

mas como conseguir se dedicar aos estudos não tendo tempo livre suficiente para tal? Essa sempre foi minha indagação. Essa falta de tempo para se dedicar aos estudos, para quem trabalha, é a maior de todas as dificuldades. O processo de incorporação e assimilação do conhecimento fica limitado. O tempo disponível para leitura e releitura dos textos; realização de trabalhos e a busca por outros referenciais que permitam complementar a formação é insuficiente. O aprendizado fica defasado, levando ao aluno, muitas vezes, a uma desistência do curso no meio do caminho.

Os alunos que não trabalham, ou seja, aqueles que os familiares podem arcar com as suas despesas, podem se dedicar integralmente aos estudos, aumentando assim, suas vantagens em relação aos demais alunos que não possuem esse tempo integral de dedicação. Logo, existe uma “distância do conhecimento” entre esses alunos, cria-se um abismo entre as partes. Estes alunos que não precisam trabalhar, podem aproveitar ao máximo tudo o que a universidade pode oferecer: palestras, oficinas, congressos, envolvimento em projetos de pesquisa, de extensão, entre outras atividades. Tal fato propicia uma formação acadêmica mais ampla.

A maior vilã de toda essa dificuldade enfrentada por boa parte dos alunos para permanecerem e concluírem a graduação é a desigualdade social. Wilson Mesquita de Almeida, em seu texto “Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade” (2007), discorre sobre debates atuais em torno da inclusão social no ensino superior, o acesso à universidade e a sua permanência e as diferenças na qualidade da educação recebida pelas diferentes classes sociais existentes dentro da universidade.

Não é de hoje que já se sabe que todos os brasileiros têm direito à educação em nosso país, direitos estes assegurados por lei, desde a educação infantil até o ensino superior. Atualmente, com o avanço das políticas de cotas no ingresso às universidades, questiona-se medidas de ações de permanência e conclusão no ensino superior. A universidade oferece muitos recursos no âmbito social, mas infelizmente, nem todos os alunos necessitados são contemplados e para uma boa parte dos contemplados, essa “ajuda” não é suficiente.

Seguindo essa linha de raciocínio, apresento Thaís Kristosch Imperatori que, em seu texto “A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira (2017)”, relata a evolução da assistência social e o surgimento da assistência estudantil, e também

o surgimento do PNAES (Programa Nacional de Assistência Estudantil). Ela relata também as dificuldades sociais enfrentadas por alunos de baixa renda, desde o ingresso na universidade, a sua permanência e a evasão, impossibilitando, em alguns casos, a conclusão do curso.

Devido a todas as dificuldades enfrentadas por mim, para permanecer no curso e finalizá-lo, sendo que ainda me encontro em processo de conclusão, senti a necessidade de discorrer sobre tais fatos. É de suma importância falar sobre essas dificuldades, sejam elas financeiras, sociais ou culturais, pois como não sou a única a enfrentá-las, acredito que meu trabalho possa auxiliar outros alunos que se encontrarem na mesma situação pela qual eu passei.

3 O INÍCIO DE TUDO

Desde pequena, meu sonho sempre foi o de ser professora. Sempre achei essa profissão muito linda. A dedicação que eu via na maioria dos meus professores, o carinho pelo qual eles tinham com seus alunos, sempre me inspiraram a seguir esse caminho. Sempre fui apaixonada por crianças, elas são seres cheios de amor, carinho, imaginação, esperteza, curiosidade e muito mais. Meu amor por elas também influenciou bastante nessa difícil decisão de escolher a profissão e de seguir a carreira docente. Então, quando decidi fazer o Enem para poder ingressar na universidade, eu já tinha meu objetivo concretizado em minha mente, que era cursar Pedagogia.

Estudei a vida toda em escola pública e sempre fui uma boa aluna, sempre gostei muito de ler e de escrever também. Me dedicava bastante aos estudos, pois meus pais sempre ensinaram a mim e aos meus irmãos que, somente teríamos um bom futuro e com melhores oportunidades na vida, se estudássemos muito. Eles não tiveram a oportunidade de estudar, meu pai estudou até a antiga segunda série e minha mãe até a quarta. Desde muito novos, eles tiveram que trabalhar para ajudarem no sustento de casa e sofreram muito nesse trabalho forçado. Assim, eles queriam que seus filhos tivessem o máximo de estudo possível para que a vida fosse um pouco mais fácil.

Minha família reside em um pequeno distrito chamado Rodrigo Silva, localizado a 18 quilômetros da cidade de Ouro Preto. Nesse lugarejo encontra-se uma escola na qual eu estudei durante toda a minha infância, cursando a educação infantil e todo o ensino fundamental. Pelo fato de ter estudado nessa escola durante anos consecutivos, com basicamente a mesma turma e conhecendo os professores e todos os demais funcionários da escola, criou-se um laço profundo entre mim e a escola. Por ser um local pequeno onde todo mundo conhece todo mundo, a relação da escola com a família também era muito grande. Quando fui para o ensino médio, que só tinha em Ouro Preto, esses laços foram rompidos e a sensação foi de abandono em relação aos laços que mantinha com a antiga escola. Não era uma criança mais vigiada por todos, passei a ser a responsável por mim naquele local, era uma sensação inexplicável.

A participação dos pais no desenvolvimento escolar de seus filhos é de suma importância, esse acompanhamento contribui e muito, para um melhor desempenho da aprendizagem de seus filhos. A família, sendo considerada como a base da criança, lhe fornece amor, carinho, atenção, valores e vários conhecimentos diversos, estabelecendo

assim, o primeiro contato que a criança tem de interação com outros indivíduos e com o ambiente. Acompanhar a vida escolar do filho aumenta a eficácia do trabalho escolar.

Minha mãe acompanhou meu desenvolvimento escolar, participava de todas as reuniões possíveis e conversava com os professores sempre que podia. Ela esteve sempre presente na minha vida escolar. Mesmo quando ela não podia me ensinar o dever de casa, porque não tinha conhecimento para tal, ela sempre arrumava uma maneira para que eu não ficasse prejudicada: pedia ajuda aos vizinhos; me levava até à biblioteca para pesquisar; quando podia comprava algum livro, porque eles eram bem caros, e o mais importante, sempre me incentivava a nunca desistir.

4 AS ADVERSIDADES DO ENSINO MÉDIO

Quando formei a oitava série, estudei muito durante o ano inteiro para fazer a prova do CEFET-OP, Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Peto, atual Instituto Federal de Minas Gerais de Ouro Preto - IFMG. Comecei a cursar o primeiro ano do segundo grau em uma outra escola pública estadual, mas assim que saiu o resultado do tão esperado vestibular no qual eu fui aprovada na primeira chamada, a minha família toda comemorou. Foi uma festa! Parecia até que eu já estava entrando na universidade. Então realizei minha matrícula e fui com a cara e a coragem estudar no ensino integral diurno, onde fiz o ensino médio juntamente com o curso técnico em metalurgia.

Foram tempos de alegria e também de muita dificuldade. O primeiro ano foi de uma difícil adaptação, tudo era muito diferente de todos os anos escolares que eu já tinha vivido, saí de uma escola pequena, onde todo mundo conhecia todo mundo, para estudar em uma escola grande, com variados tipos de alunos e professores. Com uma rotina pesada de estudos, leitura e atividades. Acordava às seis horas da manhã, o ônibus passava perto da minha casa às seis e meia, chegava na escola para a aula de sete horas, finalizando as aulas por volta das quatro e meia da tarde. Ficava o dia inteiro na escola e isso demandava gastos que não cabiam no orçamento da minha família.

A escola possui restaurante próprio e para os alunos o custo do almoço era bem mais acessível, comparado aos demais locais. Mas, mesmo assim, meus pais não tinham

como arcar com esses gastos diários, sem contar que ainda tinham mais os gastos com uniforme, xerox, material, viagens, apostilas, livros, lanches, etc.

Consegui, juntamente à assistência social do CEFET, uma bolsa alimentação que a própria instituição oferecia para os alunos de baixa renda. Nossa, foi maravilhoso o alívio financeiro que proporcionou aos meus pais. Se não existir esse apoio, com a ajuda de custos aos alunos de baixa renda, a continuação de seus estudos fica inviável, o que provoca uma boa parte da evasão escolar.

O acesso das camadas menos favorecidas a um ensino de qualidade, e principalmente ao ensino superior, perpassa em torno de vários questionamentos. Atualmente, o governo federal oferece acesso a diversos serviços, benefícios e programas sociais, que atendem aos cidadãos inscritos no Cadastro Único do SUAS, Sistema Único de Assistência Social. Esse sistema, na teoria, garante ao cidadão o direito à proteção social e à cidadania. Dentre os programas sociais oferecidos, encontra-se o Bolsa Família, o PME - Programa Mais Educação, Serviços Socioassistenciais, PSE – Programa Saúde na Escola, dentre outros.

Mas sabemos que esses programas não abrangem a grande maioria das famílias que têm dificuldades em manter seus filhos na escola ou até mesmo, para aqueles que estão ingressando no ensino superior. Para tal feito, existe o PNAES – Plano Nacional de Assistência Estudantil, que visa apoiar a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos presenciais de graduação, de instituições federais.

O perfil socioeconômico dos estudantes é usado para realizar a análise dos alunos interessados nas bolsas oferecidas e também é levado em conta os próprios critérios existentes em cada instituição, que ficam responsáveis por analisar cada solicitação.

5 A FASE DO ÓCIO

Assim que me formei no ensino médio, no ano de 2008, não consegui me inserir na área de metalurgia, era muita mão de obra e pouca oferta de vaga e como sempre acontece, faltava o “QI”, o famoso, “Quem Indica”. Provindo de família de baixa renda, estudando com alunos onde seus pais, tios e demais familiares e amigos já estavam imersos no mundo metalúrgico, percebe-se uma concorrência desleal, diga-se de passagem.

Precisando de dinheiro para ajudar nas despesas de casa, decidi entrar para o mercado de trabalho local. Meu primeiro emprego foi em um supermercado exercendo a função de caixa. Fiquei durante um ano e meio nesse emprego, sem folgas regulares, sem tempo para os estudos, sem tempo para a família, sem tempo para nada além do trabalho. Mas como esse salário ajudava muito em casa, fui me mantendo até não poder mais ficar naquele lugar.

O trabalho me consumia, eu não tinha mais vontade de fazer nada, nem ler, escrever, nada. Continuar com meus estudos, já não cabia mais em meus planos. Eu só ficava pensando em como gastei tanto tempo e dedicação para me formar em um curso técnico e que naquele momento não me servia de nada. Nisso fui trocando de emprego, buscando melhores remunerações e tentando encontrar um novo sentido para minha vida.

Em meio a percalços trabalhistas, senti novamente uma grande necessidade de continuar meus estudos, de fazer uma graduação e ter de fato uma profissão. Ascendeu novamente em mim a vontade de ser professora. Foi então que, no ano de 2010, decidi prestar vestibular para a UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto. Neste ano, a UFOP ainda não utilizava a nota do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, oferecendo assim, seu próprio vestibular.

Realizei minha matrícula e paguei minha inscrição para fazer a prova na UFOP, mas como já havia um bom tempo que eu não estudava nada, o resultado já era o esperado, eu não passei. Fiquei muito aborrecida, mas eu não tinha criado muitas expectativas para essa prova. Decidi então, que eu iria estudar bastante e prestar um novo vestibular.

Em 2013, quando eu decidi fazer a prova novamente, para tentar ingressar na universidade, já estava instaurado o uso do sistema do ENEM e o SISU – Sistema de Seleção Unificada. Fiz o Enem, mas eu não estava preparada psicologicamente para aquela prova tão extensa e cansativa, mas por pouco eu não passei. Em 2014, eu refiz minha inscrição no Enem, e passei na segunda ou terceira chamada, não me recordo bem, para o curso de Pedagogia que se iniciaria no ano seguinte, 2015.

Nesse momento eu entrei em êxtase, eu nem sei explicar como me senti, toda minha família comemorando. Eu estava realizando o meu grande sonho e o da minha família também, pois eu era a primeira integrante da família a “entrar” para a universidade, não importando para eles o curso, isso não era relevante.

Quantas famílias ficam contentes e realizadas quando o primeiro integrante da família entra para a universidade. Segundo o ministério da educação, 35% dos alunos em fase de conclusão de curso que fizeram o ENAD – Exame Nacional de Desempenhos dos Estudantes, 2014, são os primeiros de suas famílias a chegar à universidade. As políticas de democratização e ampliação do acesso ao ensino superior, como as cotas e os programas de financiamento estudantil, estão entre os fatores que contribuem para esse novo percentual, aumentando o número de alunos provenientes das classes menos favorecidas.

6 O TÃO AGUARDADO E DESAFIANTE ENSINO SUPERIOR

O primeiro dia de aula a gente nunca esquece. Lembro-me claramente como foi esse dia, cheio de entusiasmo, ansiedade, tudo foi muito novo e especial e, ao mesmo tempo, bem estranho. Me sentia uma vitoriosa, a euforia era tanta que transbordava em minha fala, em meu olhar. Eu não conhecia o ICHS, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, nunca tinha nem sequer ouvido falar desse local, até o momento da minha inscrição no SISU, anteriormente só imaginava que a UFOP era só o campus do Morro do Cruzeiro em Ouro Preto. Quando cheguei no ICHS fiquei olhando, admirando cada parte, cada canto daquele lugar, que a partir daquele momento, seria meu local de estudos. Ao mesmo tempo que me sentia uma vitoriosa, por estar naquele local, também me sentia como um peixe fora d'água, tudo era muito novo e totalmente diferente de tudo que eu já havia conhecido.

Desde o ano de 2010 eu já morava sozinha em Ouro Preto e sempre fui a única responsável pelo meu próprio sustento. Tendo que trabalhar para me manter e arcar com as despesas, não sobrava muito tempo para os estudos. Quando decidi continuar com meus estudos, só me restava o período da noite para realizar tal feito. Iniciei encontrando muitas dificuldades para acompanhar o ritmo que a universidade exigia. Desde o meu primeiro período uma grande preocupação me assolava, como é que eu iria conseguir realizar meus seis estágios obrigatórios e ainda cumprir as 320 horas de ATVs (atividades extracurriculares) também obrigatórias? Eu trabalhava em tempo integral, de oito horas da manhã até às seis e meia da noite, com somente duas horas de intervalo para o almoço. Nesse intervalo de duas horas eu tinha que me deslocar até em casa, fazer o almoço e

demais tarefas e retornar ao trabalho, muitas vezes quase não dava tempo nem para almoçar.

Quando eu estava no terceiro período me matriculei para o meu primeiro estágio, consegui conciliá-lo com minhas férias do trabalho. Na parte da tarde eu ia para a escola escolhida fazer o estágio, fiquei lá durante 15 dias, depois voltava correndo direto para a minha aula no ICHS. Pelo fato de eu estar de férias, eu consegui cumprir a carga horária exigida de 30 horas “tranquilamente”, mas fiquei muito cansada, era como se eu não tivesse tido férias. Retornei para o trabalho exausta. Já os outros estágios eu não consegui mais conciliar com meu tempo e fui obrigada a deixá-los para o fim do curso, um risco muito grande a se correr, mas, no momento, eu não tinha outra alternativa.

A maior de todas as dificuldades era conseguir me encaixar na rotina acadêmica, ler todos os textos, fazer todas as resenhas, trabalhos, estudar para as provas, e ainda estar por dentro dos assuntos de cada aula. Às vezes o cansaço vencia, dava vontade de dormir na aula, apenas o corpo estava presente, “mas a alma não estava”, como diziam alguns dos meus colegas. O sono e o cansaço não permitiam minha total concentração nas aulas, volta e meia me desligava do que estava acontecendo ao meu redor e, muitas vezes, não dava vontade nem de ir assistir aula, a vontade era de ir embora para casa, deitar e dormir.

A universidade exige um ritmo que muitos de nós, alunos de escolas públicas, não estamos acostumados e essa adaptação é muito difícil. Durante toda a nossa vida escolar o aluno é “domesticado” a ficar quieto, sentado em seu lugar somente prestando atenção na fala do professor e a somente falar quando for solicitado, que são raras as vezes. No ensino superior a história é outra, o aluno a todo momento é instigado a falar, a opinar, a se expressar e para a grande maioria dos alunos, essa mudança de hábito é muito brusca, são culturas diferentes que demandam um tempo de adaptação maior.

Sei que as dificuldades que eu encontrei durante a minha graduação estão presentes também na jornada de diversos alunos e alunas de baixa renda que se encontram na mesma situação que eu, estudar e trabalhar. Estudar para tentar buscar um futuro melhor, estudar para alcançar, principalmente, um “sucesso” e um crescimento pessoal. Trabalhar para sustentar a si próprio, e muitas vezes, para ajudar no sustento da família. E diante de todo esse contexto, falta o tempo para conseguir realizar tudo com êxito.

Em meio a este processo, onde está o apoio da universidade? Eu particularmente não encontrei. Muitas vezes, em discussões em sala de aula, nós alunos indagamos alguns

de nossos professores sobre essa problemática, mas que se abstiveram inúmeras vezes sobre esse tema, alguns por não saberem esclarecer, outros por não saberem como amenizar esse nosso sentimento de “desprezo” por parte da universidade. O sentimento é de que a vida acadêmica não serve para nós pobres. Nunca me esqueci do dia em que ouvi um professor conversando com um colega na rua, (não se tratava de um professor da UFOP, mas era um professor de uma escola básica muito conhecido pelas pessoas do meu bairro) “a faculdade não foi feita pra pobre não! A faculdade não está nem aí para o aluno que não tem tempo de se dedicar e estar 100% ligado e integrado em suas atividades. O curso noturno teoricamente é para quem trabalha, mas isso é uma grande mentira, porque se você não cumprir o que os professores pedem, como leituras, trabalhos, etc., você está fora, e eles fazem isso propositalmente, para o pobre ver, de fato, que esse mundo não é pra ele!” Essa fala marcou-me profundamente, desde então eu passei a refletir sobre meu lugar na universidade e diante das dificuldades enfrentadas percebi que este professor não estava totalmente errado.

Na teoria, sabemos que as portas das faculdades foram abertas para o estudante pobre, para a população negra e para os deficientes, mas na prática, a realidade é bem diferente. Houve avanços em relação ao ENEM e as políticas de cotas, mas permanecer e concluir a graduação ainda é um desafio para muitos. Quando o aluno não pode se dedicar 100% aos estudos, ele fica pra trás, fica perdido e surge um déficit de aprendizagem muito grande. Sem contar que os alunos de baixa renda possuem uma bagagem cultural muito menor em relação aos demais alunos mais favorecidos economicamente e culturalmente.

Atualmente, estamos presenciando algumas falas do governo do nosso país, sobre privatização das universidades. Esse assunto implica em um grande retrocesso em relação aos pobres, que com muita dificuldade ganharam espaço no ensino superior. Se de fato a privatização acontecer, e é o que as classes mais favorecidas querem que aconteça, o ensino superior ficará voltado somente para quem realmente tem condições financeiras de arcar com as despesas de uma graduação. Já ouvimos alguns governantes afirmarem que esse não é um lugar para pobre, e privatizando tudo, eles assumem o lugar deles como elite comandante.

Uma outra manobra que o governo está exercendo atualmente é a modificação da base curricular nacional do ensino médio (Lei nº 13.415/2017), “dando” ao aluno uma falsa opção de escolha de sua carreira profissional. Acontece que, modificando o ensino

médio e induzindo a classe menos favorecida a se inserir no mercado de trabalho, implica automaticamente em retirá-lo do caminho da universidade e só criar mão de obra.

6.1 As pedras no caminho

Queria ter tido condições para aproveitar todas as oportunidades da vida universitária (participação nos diversos eventos acadêmicos; programas; semanas de educação; iniciação científica; monitoria, projetos de extensão etc). No entanto, essa não foi a minha realidade, quase não sobrava tempo e muito menos ânimo para assistir às aulas, depois de um longo e cansativo dia de trabalho.

Otimizar o tempo, manter uma rotina produtiva, organizar tarefas acadêmicas, profissionais, domésticas e pessoais, isso tudo demanda muita organização, uma saúde mental e física, além de necessitar também de uma boa gestão financeira. Mas como ter uma gestão financeira boa, quando se ganha apenas um salário mínimo e tem que pagar aluguel, pagar as contas básicas da casa como a luz, por exemplo, pagar van para ir para a universidade, (ir de ônibus era mais caro, não daria tempo de assistir a primeira aula e nem o fim da última) e ainda se alimentar bem e ter uma vida social? São estes fatores que colaboram para a desistência e evasão dos estudantes pobres nas universidades.

Eu não ingressei na universidade através do uso de cotas, passei por ampla concorrência. Naquele momento as inscrições para as cotas estavam com uma demanda muito mais alta, mas me inscrevi no programa de auxílio social da universidade e recebi uma ajuda de custo de 50% do valor total que a universidade oferecia, que deu um total de R\$150,00 que depois mudou para R\$200,00. Esse dinheiro me ajudou a bancar, pelo menos, quase todo o gasto que eu tinha com a van, que eu tinha que utilizar para me deslocar de Ouro Preto para o ICHS em Mariana.

Recebi também, cinquenta por cento da bolsa alimentação que a universidade oferecia. Mas eu não pude usufruir muito desta bolsa, quase nunca podia ser aproveitada, pelo simples fato de eu chegar no ICHS justamente no horário em que o RU (Restaurante Universitário) já estava fechando. O restaurante fechava às 19 horas, horário em que se iniciam as aulas do noturno e também o horário em que eu chegava no polo para assistir aula. Mas algumas vezes ainda dava tempo de chegar antes das portas do RU se fecharem, então eu jantava correndo para não atrasar muito para a aula.

Por não conseguir chegar antes do restaurante fechar, por nem sempre ter dinheiro para me alimentar na cantina, era tudo bem caro, eu assistia aula com fome. Minha última refeição era o almoço e eu só conseguia me alimentar novamente quando eu retornava para casa, por volta da meia noite. Tal fato contribuía para a minha falta de concentração nas aulas e baixo rendimento. Quando possível, eu levava uma fruta, um lanche ou um biscoito para tapear o estômago.

Inúmeras vezes pensei em desistir dos estudos. A cada dia que se passava ficava mais difícil conciliar com o trabalho, além dos afazeres domésticos. Pelo fato de não morar com meus pais, ainda tinha que arrumar um tempo, no meio de toda essa confusão da minha vida, para ir visitá-los. Sempre que estava muito apertada com trabalhos e provas evitava de ir vê-los, assim podia me dedicar um pouco mais aos estudos. Ficava muito tempo sem ver meus pais, a saudade aumentava e a vontade de desistir também. Mas, de alguma forma, eles sempre me motivaram a continuar e nunca desistir, além do incentivo de alguns amigos da minha turma.

De todo meu percurso na graduação, o momento mais difícil foi quando cheguei no quinto período. Estava passando por problemas pessoais e financeiros, o dinheiro não estava dando para custear tudo que eu precisava no momento, auto estima baixa, cansaço físico e mental, dentre outras coisas. Cheguei a desistir de assistir às aulas, não podia mais trancar o período porque já havia se encerrado o processo. A desistência foi mais pelo fato de estar com vergonha. Vergonha por não ter dinheiro para pagar a van, não ter dinheiro pra comer, tirar xerox, também não tinha mais forças para lutar. Naquele momento eu pensei que não retornaria, mas não sei como eu consegui, encontrei forças, não sei de onde e continuei.

Neste momento eu já estava imensamente desmotivada com a Pedagogia, parecia que meu castelo do sonhos havia desmoronado, solicitei uma transferência para o curso de administração, não era o curso que eu queria, mas era a minha área de atuação profissional, pensei em otimizar as coisas e o tempo. Meu pedido de transferência foi negado, acho que pelo fato de ter passado uma grande parte do meu curso. Fiquei novamente frustrada, mas decidi que eu iria me formar de qualquer jeito, eu merecia e iria terminar o que eu comecei, por honra, porque as dificuldades eram tantas que se tornou motivo de honra sair da universidade com meu diploma, para nunca me esquecer de todas as dificuldades que enfrentei e que no fim eu havia superado.

A universidade oferece atendimento psicológico, neste momento eu precisava de alguma ajuda profissional, dentre outros diversos atendimentos, mas esses atendimentos são realizados durante o dia. O expediente se encerrava às 17 horas, por esse motivo eu nunca consegui ir a uma consulta sequer, como eu disse anteriormente, nunca consegui participar do que a universidade pode oferecer. Eu não podia usufruir dos recursos oferecidos pelo simples fato de não se encaixar no quadro de horários, então de nada adianta ter os recursos se não pode ser usufruído pelos estudantes trabalhadores do noturno.

Para complementar minha renda, enquanto eu estudava, eu vendia bombons e trufas, para meus colegas de sala e meus colegas da van, que eu mesma fazia. Levantava cedo e ia para o trabalho, saía do trabalho e ia para o ICHS, voltava para casa e ia fabricar meus bombons. Nesse período eu deitava por volta de três horas da madrugada, morta de cansaço, mas era necessário se eu quisesse ter uma renda extra. Durante o intervalo das aulas eu oferecia meus bombons para os demais alunos da instituição e assim fui conseguindo pagar as contas.

Muitos estudantes trabalhadores só têm o turno da noite para se dedicarem aos estudos. Para este estudante, é o trabalho quem determina o ritmo e os limites do estudo, embora os dois sejam de suma importância, o trabalho é colocado como prioridade simplesmente pelo fato de garantir a sobrevivência do indivíduo. Trabalhar, enfrentando os atuais desafios impostos pelo nosso mundo capitalista e estudar, dentro das condições oferecidas pelo nosso sistema educacional brasileiro, impõe aos estudantes-trabalhadores um enorme desgaste emocional, físico e até mesmo intelectual.

Mas, de fato, uma coisa não pode deixar de ser mencionada: estudantes-trabalhadores dão mais valor às coisas que conquistam, porque sabem realmente o quão sacrificante foi o caminho percorrido e, acima de tudo, valorizam ainda mais suas famílias. Faço esta afirmação baseada em minha história, pois percebo o quanto é importante a relação entre a família, o aluno e a escola. São pilares que tem que estar bem sincronizados para um melhor desempenho. O apoio da minha família foi fundamental para que eu não desistisse do meu sonho, não puderam me apoiar financeiramente, mas o apoio emocional que eu recebi me fez criar forças para continuar.

Me desdobrei muito para conseguir realizar meus estágios obrigatórios já na reta final do curso. Eu já havia feito o estágio I e II em momentos diferentes. Os estágios III

e IV foram realizados no mesmo período, por um momento achei que eu fosse enlouquecer, mas consegui contornar as adversidades. O estágio mais difícil foi o que eu realizei em um espaço não-escolar, optei em fazê-lo na APAE-OP (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto). Primeiramente, trabalhar com crianças deficientes era um dos obstáculos que eu queria superar nesse processo de graduação. Segundo, encaixar essa rotina pesada da APAE juntamente com meu trabalho e os estudos demandou um jogo de cintura ainda maior. Foram três semanas de muitas dificuldades para conseguir conciliar o tempo, meu dia teria que ter umas 30 horas para conseguir fazer tudo.

A importância de observar a atuação do pedagogo em espaços não escolares é necessária para a formação acadêmica. Ser pedagogo implica na construção de saberes, competências e habilidades que extrapolam a profissão docente. Nesse contexto, a pedagogia social apresenta-se como uma possibilidade de realização de práticas pedagógicas em diferentes espaços.

Ao realizar o estágio experimentei dois momentos importantes: o primeiro momento o período da observação que tinha como objetivo a instituição como um todo (espaço físico, infraestrutura, funcionamento, organização administrativa e projetos pedagógicos) e no segundo, fui contemplada para substituir uma das monitoras, e tive a chance de experimentar como é atuar na função de docente em um espaço não-escolar. É muito oportuno o momento de vivenciar a relação teoria/prática, sobretudo no processo de formação.

A experiência vivida junto à APAE, que representa um espaço não escolar, foi desmistificadora. Enriqueceu minha preparação para assumir futuros desafios frente às várias possibilidades de atuação do pedagogo, além de vivenciar a prática do que é o trabalho em um espaço de educação não formal.

O período de estágio não trouxe luz a todos os meus questionamentos iniciais, seja pela minha inexperiência, seja pelas características da instituição ou pela leitura que fiz sobre a forma de atuação.

Quando já estava caminhando para o fim da graduação, fomos todos surpreendidos com essa pandemia (COVID-19). Um momento novo para todos, alunos e professores tendo que se adaptarem ao ensino remoto. Nesse caminho tecnológico, algumas dificuldades também nos rodearam, dentre elas temos conexão de internet ruim,

falta de aparelhos compatíveis para aulas online, alunos sem condições de bancar uma internet de qualidade, dentre tantas outras.

Toda a população se encontra em um sinistro isolamento social, o medo assola a população do mundo inteiro, novos hábitos são incorporados à nossa rotina, o uso de máscaras e do álcool gel, por exemplo, para tentar manter o vírus longe. Enquanto inúmeras pessoas morrem, outras tantas sofrem em hospitais superlotados onde nenhum dos profissionais sabiam direito com o que estavam lidando. A saúde entrou em estado de calamidade pública, as famílias desesperadas sem notícias e sem poderem se despedir de seus entes queridos que perderam a batalha para o Coronavírus.

Nesse contexto desesperador, a desigualdade social só aumentou, na verdade ficou mais explícito o quão desigual é o nosso país. O rico se isolou, com todo o conforto possível, enquanto o pobre se mantinha na luta para tentar ganhar o pão de cada dia e não deixar sua família passar necessidades.

Com as escolas fechadas e as crianças todas em casa, as despesas das famílias aumentaram, em contrapartida a renda diminuiu. Pais se desdobrando muitas vezes com apenas um aparelho celular para dividir entre os filhos que recebiam instruções e até aulas remotamente. Crianças de interior sem acesso à internet, estudando por meio de apostilas sem nenhuma instrução a mais do que deveria ser feito. Pais desolados por não saberem ensinar os filhos e com medo de um grande retrocesso educacional.

Enquanto isso, o mundo continua na luta contra o vírus, inúmeros cientistas debruçando nos estudos das vacinas numa corrida contra o tempo para salvar vidas, mais de quinhentas mil vidas perdidas somente em nosso país. A mais de um ano e meio de isolamento e agora que estamos tentando colocar novamente os trens no trilho, a vida nunca mais será a mesma.

Durante esse período de isolamento, eu não estava tendo aulas, somente no fim de 2020 que a universidade disponibilizou a matrícula de duas cadeiras, sendo chamado de Período Letivo Especial (PLE). Foi um período de experiência de como poderia ser o ensino remoto. Eu continuei a trabalhar, o comércio estava uma loucura, pessoas em casa no ócio querendo comprar, fazer reformas em suas casas, mas com medo de sair. No trabalho, a maneira de vender e atender se modificou, o e-commerce (comércio eletrônico) viralizou e meu trabalho só aumentou, mas o salário que é bom, nada.

A pandemia isolou as pessoas umas das outras e fez surgir inúmeras enfermidades, na maioria das vezes, silenciosas, como a depressão e a ansiedade, causando grandes consequências psicológicas às pessoas em vários níveis de intensidade e gravidade.

Pelo fato de não ter ficado 24 horas por dia trancada dentro de casa, eu tinha que sair para trabalhar, eu acho que não surtei, mas infelizmente muitas pessoas não conseguiram se manter mentalmente saudáveis.

Felizmente a universidade vem se adaptando ao novo momento que nos encontramos. Novas medidas e formas de ensino estão surgindo, os alunos estão conseguindo dar continuidade aos estudos e espero que tudo volte logo ao normal.

Agora, caminhando para o fim da minha graduação, me sinto orgulhosa por ter conseguido sobreviver a todos esses percalços. Vivi diversos momentos de descontentamento no decorrer da graduação. Entendo a dimensão do trabalho pedagógico e acredito que o que vale é a forma como lidamos com as variadas situações. Tudo foi significativo e de muito aprendizado. Concluí as disciplinas com importantes lições na bagagem, sobretudo no que diz respeito à postura que devemos adotar enquanto pedagogos dentro ou fora do ambiente escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a nova proposta de trabalho de conclusão de curso apresentada pelo PLE, achei pertinente a escrita de um memorial, em que poderia, através de relatos pessoais, ajudar outros estudantes que, futuramente, se encontrarão nesta mesma situação. A escrita do TCC é de suma importância para todos os alunos, e havendo a possibilidade de realizar esse relato pessoal, íntimo, não poderia deixar passar despercebido e desperdiçar essa grande oportunidade.

O gênero memorial é de suma importância para a formação de alunos e futuros professores. Segundo Cunha, Jesus e Portela (2017), os memoriais de professores evocam a experiência de si, questionam o sentido de suas vivências e aprendizagens e revisitam conceitos importantes. A escrita do memorial de formação é um importante instrumento avaliativo, por possibilitar a análise crítica da relação teoria-prática, no âmbito do seu trabalho, demonstrando o sentido da formação, momento em que se torna possível desconstruir conceitos cristalizados de um fazer por vezes mecânico e desprovido de criticidade, possibilitando ampliar o *corpus* da experiência pessoal e social que tem lugar dentro e fora da escola.

Acredito que a formação do professor é um processo que não finda, não se esgota com a conclusão da graduação. Partindo dessa premissa, todo o processo formativo pelo qual passei conto como ponto positivo. Não conto perdas; tudo serviu para a construção da minha identidade como docente. E é assim que me enxergo hoje: educadora em formação contínua. Outras questões de menor relevância, que poderiam significar algum ponto negativo, se transformaram em aprendizado, tudo foi intenso e desafiador. Certa do caminho que escolhi e com muito amor àquilo que faço e que pretendo realizar, vou em frente, procurando soluções que venham mitigar meus medos e soluções para aquilo que pode parar meu trabalho: eu mesma.

8 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. Scielo, cad.CRH vol.20 no 49. Salvador, Jan/abril. 2007.

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima. Leitura, interpretação e produção textual. /Maria Divanira de Lima Arcoverde, Rosana Delmar de Lima Arcoverde. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019.

IMPERATORI, Thaís Kristosch. A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira, scielo, revista 129. indb, 2017.

JOSSO, Marie-Cristine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida a serviço de projetos. In: Educação e Pesquisa, São Paulo. 1999.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de suas vidas. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). Vidas de professores. Porto-Portugal: Porto Editora, 1992.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In: Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil. Pag. 63-79, 2000.

SARTORI, Adriane Teresinha. O memorial de formação e a graduação de (futuros) professores, 2011.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Trad. Francisco Pereira. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.